

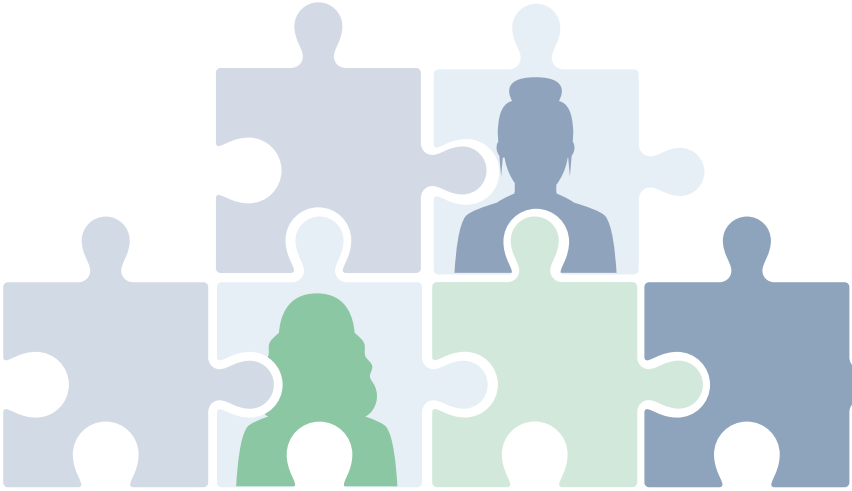


Perfil Didático dos Professores

☞ **CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**

DA **Universidade de Brasília**

O LIVRO



PAULO MESQUITA

PERFIL DIDÁTICO
DOS PROFESSORES DO CURSO
DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL
DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

- O LIVRO -

PAULO MESQUITA | 2019

APRESENTAÇÃO

Não há quem negue a importância dos professores em nossas vidas. Não há quem não tenha uma história feliz de aprendizado com uma (ou vários) professora ou professor. A figura do professor está em nossas vidas desde sempre, com pais nos ensinando a ser gente, mas a presença do mestre da sala de aula se fortalece a partir da entrada na escola.

No Brasil, muita gente gosta de lembrar que o professor é, no Japão, o único que não se ajoelha perante o Imperador. Mesmo assim, por aqui, não há reconhecimento compatível a esta figura. Não somos o país do professor, mas o do futebol, samba, caipirinha.

Mesmo assim, temos mais de 2,5 milhões de professores no Brasil, segundo dados do Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira de 2017¹. Deste total, 340 mil estavam atuando, no ano em que a pesquisa foi realizada. Uns com melhores condições de ensino, outros com piores. Da educação básica ao ensino superior, o professor é resistência. Luta contra a má remuneração, as más estruturas, a alta carga de trabalho e as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

*Da Tia Senhorinha, no maternal,
à Ellis Regina, na graduação,*

meu muito obrigado a todos os meus professores.

¹ Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos> e <http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-da-educacao-superior>, acesso em 05/09/2019

Diante de todo este contexto, este livro se propõe mostrar, do ponto de vista didático-profissional, quem são os professores do curso de Comunicação Organizacional (Com) da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB), carinhosamente conhecido como Comorg, ao mesmo tempo em que se torna uma homenagem a estes heróis da formação universitária.

O curso conta, hoje, com quinze professores. Este livro traz o perfil de onze deles. Os outros quatro, infelizmente, não puderam atender ao pedido de entrevista. E este também é um sinal da alta carga de trabalho dos docentes. Pelas entrevistas foi possível perceber que a docência não era, a priori, uma opção para nove dentre os onze entrevistados. Mesmo assim, todos são, hoje, professores apaixonados que se entregam ao que fazem e buscam, dia a dia, melhorar suas aulas, conceitos e relação com os alunos dentro e fora de sala.

No entanto, é preciso destacar a ausência de uma formação para o professor de Comunicação no país. Um curso que gradua bacharéis não forma professores e não há, posteriormente, qualquer capacitação específica para a área. Sendo assim, de acordo com o observado a partir das entrevistas realizadas, os professores de Comunicação são profissionais da área e/ou acadêmicos que levam seus conhecimentos e experiências para a academia sem uma formação pedagógica para aprender técnicas de docência para lidar com a sala de aula e alunos. Tudo acontece por esforço e dedicação exclusiva dos professores. Claro, universidades oferecem períodos de preparo pedagógico, mas não são capacitações formais

e reconhecidas. Não se forma um professor de Comunicação como se forma um professor de História ou Geografia, por exemplo.

A publicação também se insere nas comemorações dos dez anos de criação do Curso de Comunicação Organizacional, carinhosamente chamado de Comorg, na UnB. O curso tem seu início em discussões, entre os anos de 2008 e 2009, realizadas no ambiente acadêmico entre professores da FAC da UnB, e participação de representantes de estudantes, sobre a implantação de um curso noturno em Comunicação no contexto do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

Além disso, este trabalho é fruto de um desejo pessoal, deste autor, de compreender, conhecer e internalizar as formações, experiências e pensamentos dos professores, uma vez que quer, também, ser professor de Comorg em um futuro próximo.

Assim, apresento a todos, os professores Asdrúbal, Délcia, Elen, Ellis, Fabíola, Polydoro, Gabriela, Janara, Curvello, Kátia e Liziane. Todos foram meus professores e serão, eternamente, espelhos e guias para um futuro docente.



SALA DO PROFESSOR

ASDRÚBAL BORGES FORMIGA SOBRINHO

O professor Asdrúbal não tinha como meta de carreira ser professor. A experiência com projetos de iniciação científica na graduação em Publicidade e Propaganda na Universidade de Brasília fez com que esse piauiense de Teresina se apaixonasse pela pesquisa e, conseqüentemente, sua vivência na área não deixou que ele tirasse os pés da universidade. Da graduação ao mestrado, na própria FAC, daí ao doutorado no Instituto de Psicologia na mesma universidade, sempre com foco na pesquisa sobre processos psicológicos e criatividade. Assim, estabeleceu seu caminho na academia: o pesquisador apaixonado que teve que dar aula. E pela sala de aula também nasceu uma paixão.

A pedagogia estabelecida por Asdrúbal aconteceu muito mais com a experiência dos anos em sala de aula e a troca de informações com os colegas professores. Ele afirma que chegou a estudar Jean Piaget, o biólogo que se tornou referência na pedagogia, mas com foco na concepção de processos criativos na infância e não na pedagogia. Hoje, percebe que seu modelo de aula mudou ao longo dos anos. Deixou de lado as aulas expositivas e passou a envolver mais os alunos em atividades criativas e formativas.

Assim como mudou sua aula, mudaram seus alunos. O professor Asdrúbal enxerga uma universidade nova, mais plural e diversa nos dias de hoje em relação à sua época de aluno. “Mudou o aluno porque mudou a universidade”, afirma. Essa mudança é positiva, segundo Borges, pois traz visões novas e, conseqüentemente, novas perspectivas para a academia contribuir com a sociedade. “Este é o nosso papel. Melhorar o que está aí”, reforça.

Sobre o curso de Comunicação Organizacional, Asdrúbal entende que já há espaço para mudanças, após dez anos de início. No entanto, é preciso conservar a formação com foco tanto no técnico, quanto no interpessoal. Ele sugere, então, que o curso e o currículo sejam mais “enxutos” e que os alunos tenham oportunidade de participar de mais projetos ao longo da formação. É neste espaço, segundo ele, que há uma formação na prática e com contribuição para a sociedade. A pesquisa na área de dados e tecnologia é, para ele, o futuro da Comunicação.

Como recomendação ao futuro professor, Asdrúbal recomenda somar o que se gosta de estudar, com a sala de aula. Buscar os temas de futuro é primordial para seguir dando ao aluno de Comunicação uma visão de mundo real e crítica.



SALA DA PROFESSORA

DÉLCIA MARIA DE MATTOS VIDAL

Assim como a maioria dos colegas professores, Délcia Maria de Mattos Vidal nunca pensou em ser professora. Sua carreira como profissional de Comunicação, anterior a docência, é rica em experiências de chefia e coordenação em locais como o Banco de Brasília, o Metrô-DF e a Fecomércio-DF.

Como uma grande Assessora de Comunicação torna-se professora, então? Por acaso, na vida de Délcia. Uma colega do período de graduação era professora no Centro Universitário de Brasília (CEUB) e estava de saída da instituição, quando ligou para Délcia e avisou que tinha feito sua indicação como substituta. Era um período de meio de semestre e Délcia deveria começar na semana seguinte. O susto inicial se tornou um caminho acadêmico. A partir deste convite, Délcia fez uma pós-graduação, cujo projeto final se transformou na dissertação de mestrado, tese de doutorado, pós-doc, etc. “Eu era a única professora que tinha apenas graduação, apesar de toda minha experiência de mercado, que valia muito para as disciplinas técnicas que ministrava”, lembra. À época, Délcia se sentiu vivendo uma situação de “ou um (mercado) ou outro (academia)”. Com o tempo, o outro venceu.

Sua linha pedagógica surgiu “na marra”, caindo na sala de aula inesperadamente. Mas o tempo, as vivências e experiência transformaram tudo num caminho tranquilo. Algumas semanas pedagógicas em faculdades particulares, a oportunidade de ministrar teorias da Comunicação para alunos que não eram da área, durante o mestrado, e as trocas com os colegas moldaram a professora Délcia. Mas o mundo mudou e a velocidade das coisas é, para ela, a principal diferença em seus 21 anos de docência.

A informação está mais próxima tanto do professor, quanto do aluno. Ambos trocam mais informações. Mas, para Délcia, há uma ansiedade no ar. Do aluno em saber, e do professor em querer compartilhar. Mas isto ainda não é algo que está bem estabelecido. “Não sei o quanto o aluno quer que a gente fique enviando informações. Mas de uma aula a outra, num intervalo de uma semana, eu tenho muitas novidades para dividir e aí surge essa ansiedade”, revela.

O curso de Comorg, para ela, é excelente. Mas falta, do aluno, a busca por conteúdos conexos. Não é preciso que o curso tenha mais disciplinas de administração, mas que o aluno vá a faculdade de Administração em busca de conhecimento. “Talvez, o que nosso curso possa fazer é firmar parcerias e convênios que facilitem essa busca”, diz.

Como recomendações ao futuro professor, Délcia é taxativa: Aprenda a buscar e compartilhar! Para ela, aprender e viver as coisas, sem ter a quem repassar o conhecimento não vale de nada. Ensinar um conteúdo que goste e ter organização também é fundamental.



SALA DA PROFESSORA

ELEN CRISTINA GERALDES

Uma das duas exceções do atual quadro de professores do curso de Comorg, Elen Cristina Geraldes sempre quis ser professora. Sua atração pela docência é explicada por ela como “uma forma de relação com o mundo”. Apesar do desejo, Elen não partiu da graduação diretamente em busca das salas de aula. Seu caminho passou por uma respeitada carreira jornalística antes de se tornar professora. Formada pela Universidade de São Paulo, o interesse pela pesquisa sempre esteve presente na vida de Elen, logo, o caminho para o mestrado foi natural, em busca da pesquisa. Uma passagem como concursada pelo Ministério das Relações Exteriores, onde não se sentiu enquadrada, a fez buscar pelo Doutorado em Sociologia e, conseqüentemente, as portas das salas de aula abriram-se sem a possibilidade de fechar.

Sua experiência como professora começou em São Paulo, como substituta, ao longo do mestrado. Mas ela tem em Brasília, em 1999, quando começou a dar aula em universidades privadas, seu princípio para a docência. Foi diretora do curso de Comunicação na Universidade Católica e fez, por conta própria, um estudo sobre o perfil dos professores de Comunicação. Segundo ela, eram

dois perfis: os técnicos, que consideravam mais a importância da experiência técnica de jornalismo, e os humanistas, que consideravam os aspectos teóricos e filosóficos da Comunicação. A junção destes dois tipos de professor é o perfil pedagógico que Elen busca, diariamente, em suas aulas.

A diversidade de técnicas pedagógicas é importante e, para ela, é assim que se constrói o professor. Ela tem uma base que conta com 3 pontos: 1 - Fazer. Estimular o aluno a fazer, na prática, os trabalhos: textos, banners, pesquisas, entre outras coisas; 2 - Diferentes técnicas pedagógicas. Sensibilização com o real: trazer artigos, textos, filmes, que sensibilizem o aluno sobre o tema da aula; e 3 - Leituras dirigidas. Textos com recortes específicos sobre o tema da aula. O terceiro ponto, no entanto, é o mais complicado, segundo Elen, porque os alunos têm tido cada vez menos tempo para leituras.

Por fim, ela destaca ainda um quarto ponto, que é relacionado a todos os três primeiros: afeto. Segundo Elen, é preciso ter um “radar” ligado sobre os alunos para entender, conhecer e compreender cada um em sala, para poder fazer intervenções e abordagens praticamente individualizadas com alunos que apresentem mais dificuldades.

Para ela, o crescimento do papel do professor é necessário no atual momento, como forma de motivação aos próprios estudantes. Elen sente que o cenário do curso é importante para a Comunicação, mas é necessário que projetos de extensão sejam mais bem aproveitados para ampliar o leque dos alunos.

Para o futuro professor a recomendação é única: Seja fator de motivação na vida das pessoas. É importante se divertir, abraçar a causa e ser criativo, sem entrar no piloto automático da sala de aula.



SALA DA PROFESSORA

ELLIS REGINA ARAÚJO DA SILVA

A docência na vida de Ellis Regina Araújo da Silva “aconteceu”. Mas ela apenas segue a profecia do então diretor do curso de Jornalismo do Centro Universitário Icesp, professor Pedro Jorge, que contava sobre ter um lado bruxo que o dizia, ao contratá-la, recém graduada, ainda sem ter sequer ido à primeira aula do mestrado, que ela seria uma excelente professora.

Desde então, Ellis, seguiu seu caminho como docente, passando por mestrado e doutorado, mas não sem viver um caminho consagrado como jornalista na Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Ela diz que a experiência como repórter, além do trabalho como extensionista rural, foram fundamentais para sua didática em sala de aula. A pedagogia e seu estilo em sala foram construídos, a partir daí, com o dia-a-dia de sala. Ao entrar como professora na Universidade de Brasília, passou por uma formação pedagógica oferecida pela UnB, mas também conta que sempre teve curiosidade e estudou Paulo Freire durante a graduação.

Ao longo dos 19 anos como professora, Ellis diz que o que a mantém é o “coração pulando forte” cada vez que entra em sala. “No dia que essa sensação parar, eu deixo de dar aula”, conta.

Para ela, um dos grandes diferenciais da experiência em sala de aula é saber lidar melhor com os conflitos. “É um ambiente de negociação, de exercício do poder e da autoridade”, explica. Ao mesmo tempo, há o desafio do cansaço, da visão de desvalorização do professor.

O curso de Comorg, para ela, é excelente, como a própria avaliação do Ministério da Educação mostra. No entanto, após 10 anos de curso, ela entende que é preciso introduzir novidades. A parte de Comunicação Pública, por exemplo, é uma área que deve ser mais explorada.

Sua maior preocupação com o aluno está no campo emocional. Ela percebe que o estudante dos dias atuais requer cuidados e atenção. Como solução, propôs uma disciplina de meditação e yoga para os discentes.

Como conselho ao futuro professor de Comunicação, Ellis diz que o principal é amar o que faz. Segundo ela, as técnicas e competências são possíveis de aprender, mas o desejo e a vocação são inatos e, sem eles, não se persevera. “Dividir o que sabe é algo muito honroso”, diz.



SALA DA PROFESSORA

FABÍOLA ORLANDO CALAZANS MACHADO

Fabíola Orlando Calazans Machado é a segunda professora nata entre os entrevistados. Quando criança, dava aula para suas bonecas, que tinham nomes de professoras reais da escola de Fabíola. Muito dessa vocação ela deve ao pai, professor por 45 anos. Mas boa parte disso também está no que ela chama de um “desejo de ajudar os outros”.

Cresceu lendo Paulo Freire por conta do pai. Estudou Piaget na graduação em publicidade e, após concluir o curso fez uma pós-graduação para se inserir com mais qualidade no mercado publicitário, mas sentiu que não era aquilo que ela queria. “Eu queria problematizar o mundo”, lembra sorrindo. Trabalhava quando foi aprovada no mestrado na Universidade Federal Fluminense (UFF) e se mudou para Niterói. Sofreu com o questionamento sobre “largar tudo para se tornar professora”, mas teve apoio em casa e sentiu que aquele era seu momento de emancipação do pensamento.

Na UFF, começou sua jornada como professora. Semanalmente, participava de seminários e congressos na universidade e passou a pegar “o jeito” de se apresentar em público. Logo, surgiu a disciplina de Ensino de Livre Docência na qual passou a ministrar

aulas para jovens da graduação, e vivenciou experiências inesquecíveis, não necessariamente boas, como tiroteios, que mostram que a realidade do professor não é fácil e não tem nenhum tipo de glamour.

Um problema de saúde a fez retornar a Brasília e seguir dando aulas na Universidade Euroamericana. No mesmo período, ingressou no doutorado na UnB e uma vaga ficou aberta no curso de Publicidade da FAC. Fabíola passou no processo e nunca mais deixou a UnB. Algum tempo depois, fez o processo de mobilidade e passou a dar aula em Comorg.

Na UnB viveu uma experiência pedagógica que ela considera muito importante na sua formação: um grupo de pedagogia liderado pelo professor aposentado Clodo Ferreira. Por quase dois anos, os participantes se reuniam periodicamente para debater textos, trocar experiências e compreender novas práticas educacionais. Com a aposentadoria de Ferreira, os encontros acabaram.

Ela vê o curso de Comunicação Organizacional como muito bom, mas também enxerga que é necessário mudar. Para ela, o curso poderia ser mais fluido, com menos disciplinas obrigatórias e mais autonomia para o aluno construir seu currículo educacional. Ao longo dos anos como professora, Fabíola acredita que o que mais mudou foi ela mesma. Principalmente na relação com os alunos. Passou a dar mais voz ao estudante, escutar o que o aluno quer.

Uma de suas táticas pedagógicas é uma autoavaliação das disciplinas, no meio do semestre, com os alunos em sala. Assim,

modifica o que é possível, dentro das sugestões e proporciona uma relação dialógica e afetiva com os discentes. Ainda sonha em “quebrar paredes” e voltar a dar aulas em ambientes abertos, como fazia no curso de Publicidade, mas confessa que num curso noturno, como Comorg, isto é mais difícil.

Para o futuro professor, o conselho segue a linha do que ela aplica em sala: desvendar o mundo, ter afeto e carinho pelo que faz e humildade para rever práticas. “Que os olhos brilhem. Sem isso, não vale de nada”, recomenda.



SALA DO PROFESSOR

FELIPE DA SILVA POLYDORO

O professor Felipe da Silva Polydoro é mais um, entre os entrevistados, dos que fizeram faculdade de Jornalismo para encarar a rotina das redações. Filho de jornalista, Polydoro trabalhou por muito tempo na empresa do pai, como editor de revistas e produtos de Comunicação, além de uma carreira em outros veículos. Mas sua inquietação com o mundo, seus questionamentos - quase sempre filosóficos - o fizeram pensar que era preciso estudar mais e voltou para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde tinha se graduado, para o mestrado, com foco em pesquisar, descobrir, questionar. Mas foi aí que Felipe se viu professor.

É o docente com menos tempo de Universidade de Brasília. Chegou em 2018 e diz que ainda busca seu melhor formato pedagógico para lecionar. Com foco na pedagogia, participou de minicursos na época de doutorado, na Universidade de São Paulo, fez leituras por conta própria e conta com sua experiência e vivência em congressos onde apresentou trabalhos como pesquisador. Também se espelha em bons professores que teve. “A grande diferença em sala de aula é o bom professor, que tem clareza de ideias e sabe comunicar o conteúdo”, conta.

Em sua busca por um formato de aula ideal, uma coisa é certa: é preciso tornar os alunos protagonistas das aulas. “Tento trazer sempre exemplos mais próximos para mantê-los conectados ao conteúdo, mas com liberdade de escolhas sobre temas”, explica.

Apesar do pouco tempo no curso de Comorg, Polydoro entende que ainda há uma distância entre as ementas e o aproveitamento dos alunos. Para ele, este é um problema da falta de hábito de leitura dos estudantes. Assim, acredita que é preciso um currículo mais “enxuto”, que priorize o desenvolvimento da capacidade de raciocínio crítico e dê liberdade ao aluno para a construção pessoal do resto do currículo. Ele vê, no entanto, que o curso mostra a centralidade da Comunicação e, se bem feito, forma profissionais incríveis.

Para o professor do futuro, Felipe Polydoro diz que é preciso aprender a ensinar. Uma nova geração está na universidade e é necessário “falar a língua deles”. Também recomenda equilíbrio entre o acolhimento ao aluno e a autonomia dada a ele. Segundo Polydoro, é preciso atenção aos estudantes, mas sem prendê-los numa redoma.



SALA DA PROFESSORA

GABRIELA PEREIRA DE FREITAS

Gabriela Pereira de Freitas queria uma vida de agência de publicidade, com alta liberdade de criação em campanhas. Ao se formar e adentrar o mercado viu que não teria essa possibilidade. O mercado a “encaixotou” nas mesmas produções. A sua primeira solução para sair da mesmice foi entrar para o mestrado na UnB. E aí se descobriu professora. A criatividade que não foi usada em campanhas publicitárias, há dez anos é compartilhada com alunos em sala de aula e projetos de pesquisa.

Gabriela assume que nunca teve um preparo pedagógico formal, nem mesmo os oferecidos pela UnB. Mas busca leituras, troca experiências com colegas e diz que questionar modelos é a melhor prática didática.

A professora se vê hoje muito mais segura em sala de aula, principalmente em relação à autonomia dada aos alunos. “O professor novo quer dar conta de tudo em sala ao longo do semestre. Não precisa disso, não precisa entregar tudo mastigado ao aluno, mas dar caminhos para que ele chegue onde deve sozinho”, revela.

Ela ainda não se sente satisfeita com sua didática, mas reconhece que o amadurecimento profissional e humano a fizeram

melhor ao longo dos anos. Uma das atividades que ela ainda não conseguiu colocar em prática é a de chegar em sala com um plano de aulas vazio e construí-lo com os alunos. Por uma estrutura de ensino muito focada no professor como centro da sala, Gabriela sente que o estudante chega ao ensino superior sem saber o que é autonomia. “Fica difícil fazer isso porque o aluno vai confundir autonomia com uma sensação de ‘libera geral’ e aí o curso não flui como deveria”, lamenta.

Sobre o curso de Comorg, a professora diz que se sente muito satisfeita com o que é ensinado, mas diz que é preciso incrementar o pensamento filosófico sobre a Comunicação. Para ela, a formação técnica está em constante mudança e as pessoas se adaptam a novos formatos e ferramentas. O que faz diferença para a boa adaptação é o pensamento crítico, capacidade de análise da situação e perceber como se encaixar nos novos cenários. “É nisto que devemos focar com os estudantes”, insiste.

Para o futuro professor, Gabriela recomenda paixão. Ela diz que é necessário, ainda, estar sempre atualizado e estudando, mas saber que não é possível conhecer tudo. Por isso, é importante sempre estar aberto ao que os alunos trazem para a sala de aula como referências. Por fim, é preciso questionar tudo sempre: modelos, estruturas, conhecimentos, referências. “É normal ter questionamentos. E que bom que eles existem. São o que nos move todo dia”, conclui.



SALA DA PROFESSORA

JANARA KALLINE LEAL LOPES DE SOUSA

Ser professora não era o plano inicial de Janara Kalline Leal Lopes de Sousa. Hoje, realizada na profissão, ela se sente mais uma facilitadora de aprendizagem. A pedagogia de suas aulas e de seus processos se deu com naturalidade, tempo e experiência.

Ela diz que sua experiência como aluna na Universidade de Brasília, onde se graduou em Jornalismo, foi tão boa que ela sempre pensou que nunca queria sair da universidade. Mesmo assim, seu caminho, após a graduação, passou pelo mercado de Comunicação. “Sempre como uma Comorgueira”, diz Janara, numa clara referência ao papel profissional desempenhado pelo aluno do curso de Comunicação Organizacional. Mas ela queria permanecer na universidade e a pesquisa foi sua escolha natural. Mestrado, Doutorado e, como consequência, a docência - a partir de 2009, quando passou no concurso para professora -, mesmo com uma declarada falta de vocação para a sala de aula.

Suas primeiras experiências em sala de aula, em 2002, foram em faculdades particulares. O temor dos primeiros dias foi embora com a experiência, a conquista da confiança dos alunos e, principalmente, uma consciência de que encontrou seu próprio

tom de sala de aula: uma personagem, diferente da real Janara, que se diz tímida. A professora Janara é forte, é empoderada e luta pelo compartilhamento do saber entre professores e alunos. E muito disso ela credita a exemplos de outros professores admirados por ela. Entre eles, a hoje colega de UnB, Elen Geraldês.

Para Janara, os alunos mudaram ao longo do tempo e a principal percepção disso se dá na diversidade da universidade. Novas classes, cores e perfis estão em sala de aula, o que enriquece o cotidiano e desafia o professor. Ao mesmo tempo, um aluno com mais temor sobre seu futuro no mercado de trabalho, mais ansioso e sofrido sobre suas capacidades e competências para vencer na vida.

O curso de Comorg, no entanto, prepara este aluno muito bem para o mercado, na avaliação da professora. Ela acredita que após 10 anos de curso é necessário preparar algumas melhorias, mas não tem dúvidas de que, na área da Comunicação, este é o curso do futuro.

Ao futuro professor de Comunicação, Janara recomenda preparo, capacitação e reserva emocional para saber lidar com as dificuldades dos alunos, colegas e, principalmente, saber dividir as relações. “O professor não pode fazer da docência, sofrência. Ele não vai resolver tudo”, afirma.



SALA DO PROFESSOR

JOÃO JOSÉ AZEVEDO CURVELLO

O professor Curvello é um dos mais experientes do corpo docente. Sua carreira como docente vem desde o período em que era servidor do Banco do Brasil e atuava, entre outras atividades, como instrutor interno. Mas o despertar para a sala de aula, segundo ele, só aconteceu mesmo após o mestrado, quando passou a dar aulas no curso de Relações Públicas do Centro Universitário de Brasília (Uniceub), em 1994.

Ele conta que o início como professor foi inseguro, mas muito estimulante. Ele tinha uma “vida dupla” com sua atuação nas áreas de Comunicação do BB e a vida em sala de aula. Seu mestrado e doutorado foram focados em sua atuação no banco, mas ele percebeu que a carreira acadêmica poderia ser um caminho para contribuir com a sua profissão.

Assim, passou a se dedicar mais à academia, quando se tornou professor da Universidade Católica de Brasília, onde chegou a ser coordenador do curso de Comunicação e implantou o mestrado em Comunicação entre 2002 e 2014. Este período trouxe uma série de experiências pedagógicas, entre cursos, leituras e formações, que Curvello aplica hoje em suas aulas na UnB, onde atua

desde 2014. Ele acredita que o processo de metodologias ativas é o que mais envolve os alunos de hoje. “Quando ele tem que participar da aula, esquece um pouco o celular e aquele conhecimento é absorvido”, diz.

Ele diz que o curso de Comorg é fundamental para a continuidade da Comunicação, uma vez que a grande demanda nos dias de hoje é por profissionais de gestão. “Nosso curso dá ao aluno um repertório para dialogar com as demais áreas de uma organização”, exalta. Ainda assim, entende que o currículo já necessita de mudanças, como a adição de disciplinas sobre construções de narrativas e técnicas de argumentação, fundamentais para um gestor.

Curvello também vê a falta de leitura como um problema da atual geração de alunos. Para ele, o celular é um problema, mas também um recurso poderoso que, se bem usado, traz benefícios à aula e aos alunos.

Como conselhos, sua principal fala é sobre estudo: “Só quem pesquisa, conhece e descobre tem o que dizer em sala.” Curvello vê o professor dos próximos anos como alguém que faz a ponte entre pesquisa e sala de aula de forma mais próxima aos alunos e, para isso, é preciso estar sempre inteirado dos temas e pesquisas mais recentes.



SALA DA PROFESSORA

KATIA MARIA BELISÁRIO

Katia Maria Belisário tem o empreendedorismo no sangue familiar. Seus pais e irmãos sempre foram empreendedores, logo nunca se imaginou professora. Mas a oportunidade de ingressar no mestrado nos Estados Unidos foi a “picada da mosca azul” que mudou o sangue da professora.

A professora conta que o mestrado não era sua primeira escolha, uma vez que já tinha uma carreira como profissional de Comunicação, trabalhando em assessorias da área. Mas seu marido foi trabalhar fora, ela o acompanhou e acabou aproveitando a oportunidade.

Ela diz que, apesar da carreira como assessora e servidora pública, é a docência sua maior realização, não só em tempo de dedicação, mas também pelo que acredita ter entregado como resultados: boa formação e bons profissionais do mercado de trabalho.

Sua formação pedagógica começou desde seu tempo de extensionista rural, quando estudou Paulo Freire e Darcy Ribeiro. Ao longo dos anos, com mestrado e doutorado, participou de outras formações pedagógicas e mantém a troca de experiências com os

colegas como uma das principais formas de se manter atualizada.

Katia acredita, no entanto, que só o tempo e a experiência em sala de aula são capazes de dar tranquilidade e segurança. “Lembro que no início eu não tinha muito domínio de tempo. A aula acabava e eu não tinha falado tudo que estava programado para aquele encontro. Isso muda com a vivência em sala”, garante.

Com veia empreendedora e interessada no desenvolvimento de startups, ela crê que o curso de Comorg carece de mais disciplinas de tecnologia da informação e inovação, áreas ainda pouco exploradas. Por outro lado, a parte de pensamento crítico e formação técnica são, na opinião de Kátia, muito bem desenvolvidas ao longo do curso. “Este é um papel fundamental da universidade. Eu, como professora mudei neste sentido e acredito que os alunos também mudam ao longo do curso”, conta.

Para o futuro professor de Comunicação, ela recomenda autocontrole. Para ela, hoje, o professor tem o papel de moderador em sala de aula. “O conhecimento está a disposição do aluno ali no celular dele. Você tem de saber ligar aquilo com a disciplina e fazer com que eles debatam, entendam e cheguem a conclusões”, dá a receita, lembrando que, ainda assim é preciso ter jogo de cintura para saber lidar com os questionamentos. “Pode até parecer, mas aula não é receita de bolo”, brinca.



SALA DA PROFESSORA

LIZIANE SOARES GUAZINA

Liziane Soares Guazina sempre quis ser pesquisadora. Ao sair da graduação em jornalismo na UnB, já queria seguir a carreira acadêmica com foco na pesquisa, mas tinha receio de ser professora. Segundo ela, a carreira de pesquisador e professor era, à época, algo marginal. “O jornalista se forma para mudar o mundo com suas reportagens, não para ser professor”, diz. Mas foi justamente essa vontade de influenciar e atuar na democratização da Comunicação Pública, uma de suas principais áreas de interesse, que a fez ingressar na docência e deixar a carreira de jornalista. Ela via a academia como um espaço de maior oportunidade de desenvolvimento deste sonho.

Para Liziane, há um universo de possibilidade de atuação na carreira de professor que não deve ser restrita à sala de aula. O fundamental, para ela, é conseguir levar o conhecimento passado em sala para algo que transforme a realidade local. “Esse é nosso papel. Estimular essa troca entre academia e comunidade”, atesta.

Assim, seu desenvolvimento pedagógico se dá em duas etapas. Uma é o compartilhamento e aprendizagem entre os colegas. O outro é uma busca pessoal por técnicas e processos pedagógicos

em cursos e formações. “É importante buscar essas possibilidades e testá-las em sala de aula. É incrível ver os resultados”, comenta.

Um de seus principais aprendizados foi o de passar a ouvir mais os alunos, receber feedbacks e tentar mudar o direcionamento das aulas de acordo com o desejo dos alunos. “O diálogo é muito importante para encontrar uma forma de engajamento dos estudantes”, afirma.

O curso de Comorg oferece uma formação muito completa, segundo Liziane. Na opinião dela, falta apenas um foco maior em disciplinas que tragam um pensamento mais local, na devolução à sociedade. As pontes entre alunos, professores e comunidade local são a chave do sucesso do curso.

Como recados a um futuro professor, Liziane deixa a necessidade de uma constante atualização e envolvimento, pois o aprendizado é chave. Segundo ela, o professor aprende muito mais que ensina e isso deve ser a principal linha a seguir. “Ser professor é uma escolha de coragem que merece reconhecimento, respeito e crédito”, finaliza.